



Perspectivas educacionais na emergência climática

Jornal da Universidade / 5 de junho de 2024

Artigo | Rita de Cássia Cardoso, do Mestrado Profissional em Filosofia, propõe que a educação seja um dos instrumentos para reorganizar a vida das pessoas

*Foto: Flávio Dutra/UJ

Ao longo das últimas semanas, o Rio Grande do Sul vem sofrendo com as consequências da maior enchente de sua história documentada, superando os índices registrados na Grande Enchente de 1941. São milhões de pessoas atingidas direta ou indiretamente em 452 municípios.

As imagens produzidas desde o início das chuvas (ainda no fim de abril) nos chocam da mesma maneira que nos causam tristeza e perplexidade pela força das águas. Uma vasta área de nosso estado foi atingida pela enchente, causando extensos estragos nas cidades: bairros inteiros completamente destruídos, lugares até então considerados seguros invadidos pelas águas, assim como lavouras, fábricas, lojas, escolas, casas e criações de animais sumidos debaixo de uma água lamacenta, mudando por completo as paisagens que eram familiares ao povo gaúcho.

Diante desse cenário, torna-se necessário refletir sobre o modelo educacional até então adotado nas escolas e estabelecimentos de ensino gaúchos. Muitas comunidades escolares encontram-se até este momento debaixo d'água, com um contingente amplo de alunos, professores, funcionários e suas respectivas famílias profundamente atingidos; outras escolas e universidades estão abrigando pessoas atingidas pela enchente. Como retornar as atividades diante dessa situação?

Em primeiro lugar, deve-se levar em conta o caráter humanitário e buscar acolher a comunidade escolar. Este é um momento em que todos se encontram frágeis. Alguns perderam familiares, amigos, colegas, além das perdas materiais, como móveis, eletrodomésticos, livros ou mesmo a casa. Há quem se encontre desabrigado ou desalojado. Outros sofreram com a falta de água, de luz, de internet, com seus empregos e locais de trabalho estragados; e muitos encontram-se angustiados, desiludidos e desesperançosos com a falta de perspectiva que a realidade lhes impõe.

Vivemos um período bastante duro em que a situação do estado do Rio Grande do Sul obriga que os olhares se voltem não apenas para a reconstrução dos prédios e objetos estragados, mas também para a reorganização das vidas que tiveram suas rotas alteradas e ressignificadas.

Em segundo lugar, é necessário rever os conteúdos a serem ministrados no período de retorno às aulas, dando ênfase às questões ambientais e ao combate à desinformação e disseminação de notícias falsas. É preciso que os alunos consigam perceber quais foram as causas para a anomalia meteorológica que produziu as enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul recentemente, refletindo sobre os perigos do negacionismo climático, além de tornarem-se aptos para cobrar os governantes acerca de medidas preventivas para evitar que a situação se repita.

E na questão do combate à desinformação e disseminação de notícias falsas, é fundamental que as escolas e demais estabelecimentos de ensino tenham condições de orientar adequadamente os alunos para que saibam procurar informações em fontes confiáveis, evitando compartilhar conteúdos duvidosos. Ao longo desse período de exceção, vê-se muitas pessoas repassando informações que não correspondem à realidade, como a ideia de que apenas o voluntariado está atuando nos resgates de pessoas e animais ou que o pix oficial do governo do Rio Grande do Sul estaria destinado ao caixa único do estado. Essas notícias falsas acabam mais atrapalhando do que ajudando, pois desestimulam, causam confusão e impedem que as pessoas recebam as informações necessárias.

Em terceiro lugar, é preciso ajustar a forma de avaliação. Em função da situação heterogênea em que os estabelecimentos de ensino se encontram neste momento, além do próprio contexto humanitário e da questão curricular, como podemos avaliar os alunos? O modelo tradicional de aula expositiva e prova ou mesmo o modelo de metodologias ativas, nesse momento em que muitos estabelecimentos de ensino estão avariados ou destruídos e alunos e professores encontram-se dispersos, não são as melhores alternativas, ao menos no primeiro momento. Uma saída viável está nas rodas de conversa, acolhendo os alunos e professores ao colocar em prática a chamada escuta ativa, dando espaço para que todos possam dividir suas angústias, anseios e trocar ideias sobre as questões que se fizerem pertinentes conforme cada realidade.

Ao longo do período de incertezas que a emergência climática impõe à população do estado do Rio Grande do Sul, cabe à educação ser um dos instrumentos para reorganizar a vida das pessoas. Através do acolhimento, da discussão sobre as questões ambientais e do combate à desinformação e às notícias falsas é possível que nossa sociedade possa aprender com seus erros e ter um projeto mais sustentável para as próximas gerações. A educação em si não é a solução dos problemas, mas tampouco sem ela haverá perspectiva de futuro.

Rita de Cássia Pereira Gomes Cardoso é mestranda no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFRGS).

As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

:: Posts relacionados



A prevenção a desastres naturais exige cooperação entre estado e cidadãos



Movimento de plataformação do trabalho docente



O debate sobre o gerenciamento de recursos hídricos



Carta aos leitores | 05.06.24

INSTAGRAM

[jornaldauniversidadeufrgs](#)
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria - 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br